

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

CAMILLE VALLAUX — *La vie dans les petites îles australes* —  
« Bull. de l'Institut Océanographique », n.º 512. Monaco, 1928.

O sábio geógrafo, numa bela conferência no Instituto Oceanográfico fundado pelo Príncipe de Mônaco, Alberto I, ocupa-se da flora e da fauna nas ilhas, em geral mal conhecidas, que se encontram no grande Oceano Austral numa zona de cêrca de 25.º, entre a orla da zona tropical e a da zona polar. Esta zona, que corresponde às regiões temperadas do hemisfério boreal, está, porém, muito longe de se mostrar tão favorável como estas, ao desenvolvimento não só da vida humana, mas também da vida vegetal e animal terrestre.

Não falando na Nova Zelândia e na Terra do Fogo, que o conferente exclui do seu estudo, só em duas dessas terras austrais o homem efectuou nos últimos séculos colonizações estáveis: em Tristão da Cunha e no arquipélago das Falkland. De resto, a vida, exuberante por vezes nos mares circundantes, apresenta-se, nas ilhas austrais, reduzida a um escasso número de formas vegetais e animais. « Nada mais triste, mais monótono e mais simples, em geral — escreve Vallaux — do que a vegetação das ilhas austrais ». E, sôbre a vida animal, diz que, quando os navegadores europeus ali chegaram, ficaram impressionados com o silêncio e com a solidão do interior, que fazia contraste com a riqueza das costas em criaturas vivas.

Pelo que diz respeito ao homem, estas ilhas estavam tôdas desertas à chegada dos descobridores europeus. Mas Vallaux examina a hipótese que recentemente formulámos e que teve já as adesões dos professores Rivet, Schepotieff e outros, duma migração prehistórica da Austrália para a América do Sul, através da Antárctida (em condições climáticas diferentes das de hoje) e de algumas ilhas austrais, que, como Auckland, Campbell, Macquarie, poderiam ter servido de escalas. As investigações da missão científica que em 1874 esteve na ilha Campbell, conduziram Bouquet de la Grye a declarar que nenhum vestígio duma civilização primitiva aparecera, de modo a levá-lo a crer que essa ilha

tivesse sido habitada «pelo homem e pelas aves desaparecidas que viveram junto dele nos primeiros tempos do quaternário na Nova Zelândia». Sobre variados factos geológicos e biogeográficos, Vallaux entende que o isolamento estabelecido pelo anel marítimo austral em que se encontram aquelas ilhas, vem duma data muito remota na história do globo, como essas mesmas ilhas.

Sem dúvida, êsses factos não parecem favoráveis à nossa hipótese, mas esta apoia-se noutros e, por outro lado, não pode dizer-se que a exploração da Antártida e das ilhas intermediárias já esteja exgotada. Quantas revelações o prosseguimento dessas investigações não trará ainda à ciência!? Embora, opondo aquelas objecções à hipótese referida, o autor conserva uma atitude elevadamente científica: «Certes, je ne prétends pas résoudre la question; j'apporte seulement les données que nous possédons aujourd'hui». E, no final, acrescenta: «Certainement, nos connaissances sur ces terres perdues dans un Océan brumeux et tempétueux, loin des routes maritimes, sont encore incomplètes et fragmentaires».

São também dum grande interesse as passagens que o autor consagra à aclimação de espécies animais transportadas por embarcações europeias e americanas e à história das colonizações humanas nas ilhas Falkland e Tristão da Cunha.

De muito valor científico, a que se associa uma perfeita elegância literária, esta conferência, cheia de factos curiosos e de opiniões sensatas, merece, como os outros trabalhos do autor, a atenção de todos os que se interessam pelo progresso da ciência geográfica, que Vallaux tem a faculdade de expôr tão sugestiva e agradavelmente.

—  
MENDES CORRÊA.

CONDE DE LA VEGA DEL SELLA — Teoria del glaciario cuaternario por desplazamientos polares — Memoria n.º 35. (Comision de investigaciones paleontológicas y prehistóricas), 110 págs. Madrid, 1927.

Com grande erudição e a sua comprovada autoridade em estudos de climatologia, ocupa-se o A. da explicação das oscilações climáticas e variações de pluviosidade no mesmo local durante o quaternário, supondo descrita pelos polos uma curva com quatro espiras, entre os paralelos actuais de 70 e 80 graus.

Duas estampas e várias figuras, acompanhadas dum claro comentário (págs. 29 e segs.) fazem-nos compreender a sucessão dos quatro glaciários e respectivos interglaciários. Segundo a teo-

ria, uma glaciação pode-se definir (pág. 24) como o tempo gasto pelo polo em descrever uma espira entre duas passagens pelo meridiano de origem.

É muito interessante ver como, pela descrição de anéis ligados à espira e quebrando a sua continuidade, se explicam as regressões notadas nos períodos glaciares, bem como verificar pela teoria as correspondências continentais das diversas glaciações.

Termina tão notável trabalho pela consideração dos «efeitos antropológicos das glaciações», enquadrando geologicamente as indústrias paleolíticas.

A revista *Investigación y Progreso* inseriu (ano I, pág. 31, Madrid, 1927) um completo resumo desta teoria, do punho do seu autor.

RUY DE SERPA PINTO.

—  
EDUARDO HERNÁNDEZ-PACHECO — Restos fósiles de grandes mamíferos en las terrazas del Manzanares y consideraciones respecto a estas — Sep. do «Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural», t. XXVII, págs. 449-455, lám. XVI. Madrid, 1927.

Nesse trabalho, da importante série que o prof. H.-P. tem dedicado ao estudo dos mamíferos fósseis de Espanha, é dada a notícia preliminar do achado duma defesa de *Elephas antiquus* e de ossos de *Bos primigenius*. Estes restos encontravam-se na base de aluviões quaternários do terraço de 29 m. da margem direita do Rio Manzanares, junto das oficinas da Companhia dos Caminhos de Ferro de M. C. P., em *Villaverde Bajo*, e a 7 km. da estação prehistórica e fossilífera de Santo Isidro.

A defesa de elefante estava muito bem conservada, e media primitivamente dois metros e meio de comprimento, que foram por inadvertência um pouco reduzidos.

Num terraço adjacente e mais baixo (6 m.) encontrou Pérez de Barradas instrumentos mustierenses.

Juntamente com o histórico dos terraços de aluvião do Manzanares, faz o prof. H.-P. a crítica do seu modo de formação.

Acompanham êste trabalho duas fotografias do A. e três cortes esquemáticos de terreno.

—  
R. S. P.

MILCIADES ALEJO VIGNATI — Una mandíbula de "Typotherium" con vestigios erróneamente atribuidos a la acción de hombre — *Physis*, «Rev. de la Soc. Argentina de Ciencias Natur.», t. VII, 25 de Março de 1924. Buenos-Aires, 1924.

Conquanto o autor esteja convencido intimamente da contemporaneidade do homem e da fauna extinta dos pampas, afirma, depois de minucioso exame, em que se conjugam os métodos mais modernos na ciência, que o objecto apresentado não teria sido trabalhado pelo homem. Os vestígios encontrados, depois de aprofundado estudo, mostram-se resultantes da dentadura de algum dos carnívoros fósseis. Feita a confrontação com a mandíbula de *Smilodon*, existente no Museu Paleontológico, notou-se a perfeita adaptação dos dentes dêste felino desaparecido aos sinais existentes na mandíbula de *Typotherium*. Não podem êsses caracteres ser devidos à acção do homem e portanto nada dizem quanto à coetaneidade dêste e da fauna pampeana.

O exemplar estudado é da espécie *T. eguiai* Amgh., que o autor figura em fotogravura feita sobre um modelo em gesso, remetido ao Museu de Buenos-Aires pelo dr. Ed. Bosca y Casenoves e que existe no Museu Paleontológico de Valência, proveniente do ensinadense do Rio da Prata.

BETHENCOURT FERREIRA.

MILCIADES ALEJO VIGNATI — Nuevos objetos de la osteotecnica del piso ensinadense de Miramar — *Physis*, «Rev. de la Soc. Arg. de Ciencias Naturales», t. VI, 15 de Abril de 1923.

Não é vulgar o achado de objectos prehistóricos, que denunciam o trabalho do homem primitivo da idade pampeana. Esta descoberta foi dada a conhecer pela comissão geológica argentina enviada a Miramar para estudar os achados desta natureza feitos nesta localidade, no terreno chapadmalense. A autenticidade dêstes achados ficou portanto garantida pela seriedade desta comissão especial, composta de homens de ciência de toda a respeitabilidade, delegados dos Museus de História Natural de Buenos-Aires e de la Plata.

O barranco em que se encontraram os objectos descritos nesta memória é formado pelo *loess* mesopampeano, na parte inferior, e na superior por camadas lacustres pertencentes ao neopampeano. Os achados ter-se-iam verificado, segundo julgavam

Carlos Ameghino e Santiago Roth, professor e chefe da secção paleontológica do Museu de La Plata. A determinação geológica feita pela respectiva comissão coincide com a opinião manifestada em tempo por Fl. Ameghino, que estabelecera que os barrancos de Miramar são constituídos pelo ensinadense nos dois terços inferiores e pelo bonaerense no terço superior, vendo-se nas proximidades da povoação, segundo o mesmo autor, na parte superior do barranco, um depósito esverdeado, abundante em fósseis, provavelmente fundo de antiga laguna, talvez correspondente ao lunajense. O estudo dos fósseis encontrados nessa localidade obrigou a comissão a mudar de opinião e a transferir para o pampeano inferior o depósito lacustre considerado lunajense. A presença de restos como os do *Typotherium cristatum* (Serres) Gerv. evidencia maior antiguidade do depósito. A correspondência do depósito lacustre ao ensinadense ficaria determinada aliás pela circunstância de um dos objectos trabalhados ter sido achado a pouca distância do jazigo lacustre, na base dos barrancos, de natureza *loessica* sub-aérea. Êste facto demonstra que devem ser considerados como facies coetâneas do mesmo andar.

Êste loess calcário é, quanto à sua composição petrológica, rico em quartzo (ensinadense sub-aéreo), emquanto o lacustre constitui depósito arenoso com pequena quantidade de argila. O platense lacustre não oferece diferença do anterior, a não ser pela sua degradação ferrífera.

A fauna do lacustre é pouco variada e até agora representada pelo *Typotherium*, pelo *Hippidion* sp., *Auchenia* sp. e *Lestodon* sp.

Quanto à idade do terreno em que se encontram os fósseis de que se trata, não é fácil determiná-la com exactidão. Pode-se, no entanto, estabelecer que pertence ao plioceno, inferior ou superior, conforme os autores.

Os objectos são em pequeno número, mas de formas muito diversas, são fabricados de osso e todos provenientes do mesmo jazigo; podem reunir-se em um só grupo, que representaria a *Osteotecnica* do ensinadense de Miramar. São instrumentos, armas e adornos. Entre os primeiros figura um anzol, de forma grosseira e curiosa. Os outros são pontas de lança e um punção. Quanto aos mais, trata-se de objectos de adorno.

A indústria primitiva de Miramar foi assimilada à dos aborígenes que habitavam o território argentino, na época dos conquistadores. Tal assimilação, porém, diz o autor, não pode subsistir, perante o exame aprofundado da questão. Existem diferenças de matéria prima, de forma e de técnica, que impedem a confusão.

Os objectos talhados em osso são devidos a uma indústria própria de ensinadense de Miramar. A não ser na província de

Buenos-Aires, a indústria do osso permaneceu desconhecida completamente, ou quasi. Depois de reflectida e bem documentada discussão, o autor conclui que os achados de Miramar, objectos de osso trabalhado, não poderiam pertencer aos aborígenes históricos, e portanto esta indústria pertenceria ao ensenadense, isto é, seria contemporânea d'êste andar. Será possível admitir que, em tão longínqua época, existisse uma raça cuja indústria atingisse êste elevado grau de perfeição?

No estudo actual dos conhecimentos, a resposta terá de ser negativa; mas trata-se de um achado parcial, que forma um dos termos da série de investigações produtivas feitas no chapadmalense, à custa das quais se exhumaram objectos de culturas diversas e restos humanos bem diferenciados, pelo que se não poderá dar resposta categórica, esperando que o tempo permita esclarecer o mistério.

B. F.

BARON DE LOË—*Collection Bernays*—Catalogue abrégé illustré de 15 figures. 20 págs. Bruxellas, 1928.

A secção da Bélgica antiga dos Musées Royaux du Cinquantenaire de Bruxelas, possui um bem elaborado guia do visitante pelo seu conservador Baron de Loë, ao qual se deve agora a descrição ilustrada da colecção Bernays, por ocasião da sua exposição.

As peças desta colecção foram em grande parte recolhidas nas dragagens do Escalda, destacando-se uma grande ponta de lança em bronze (0,49 m.) de Wichelen. São ainda dignas de menção as séries de objectos em osso, e de machados de pedra e de bronze, um capacete itálico e o mobiliário completo duma sepultura infantil de Trèves (período belgo-romano).

R. S. P.

RAYMOND LANTIER—*Histoire ancienne de la Péninsule Ibérique (1911-1926)*—Extr. de la «*Revue Historique*», 23 págs. Paris, 1927.

Os investigadores peninsulares percorrerão com utilidade êste boletim, que apresenta uma farta bibliografia, e ao mesmo tempo

teem nêle uma justa consagração as suas importantes descobertas, fruto de quinze anos de trabalho, que tantas revelações trouxeram à arqueologia universal.

Sente-se contudo a omissão de notáveis trabalhos portugueses: entre outros os do dr. J. Fontes e dr. Vergilio Correia sobre o paleolítico, e d'êste último sobre o neolítico de *Pavia* e a necrópole de *Alcácer do Sal*, devendo, porém, notar-se que na *Chronique ibéro-romaine* du «*Bulletin Hispanique*», alguns desses trabalhos são citados pelo autor.

O A., a quem a arqueologia ibérica mereceu já vários trabalhos, completa a bibliografia com resumos das indústrias pre- e protohistóricas, e da etnologia peninsular, redigidos com conhecimento e clareza. Seguem-se notas sobre o domínio romano, em que teem larga parte os trabalhos de sábios estrangeiros.

R. S. P.

JESÚS CARBALLO—*Bastón de mando prehistórico procedente de la Caverna del Pendo (Santander)*, 51 págs. e 10 figs. Santander, 1927.

Na primeira parte d'êste trabalho o A. estuda as hipóteses emitidas sobre os bastões perfurados, e a sua distribuição em Espanha. Com outros AA. inclina-se a supô-los bastões de comando, pelo seu simbolismo e cuidada ornamentação. Parece-nos contudo digna de ser registada, para o caso de objectos mais simples, a opinião de Burkitt que, baseado na etnografia esquimó, considera os bastões perfurados destinados a dar flexibilidade às correias de couro.

Numa vala aberta na *Caverna del Pendo* encontrou o dr. Carballo uma abundante indústria altamirense (madalenense), de que se destaca o bastão ornamentado que merece esta notícia. É de haste de veado polida, tendo finamente gravados quatro cabeças de cervídeo e uma de equídeo, numa técnica puntiforme análoga à do bastão da *Cueva del Valle* (Obermaier). A relativa proximidade das duas cavernas faz pensar na execução das duas peças por um mesmo artista.

R. S. P.

JULIO MARTÍNEZ SANTA-OLALLA — *Algunos hallazgos prehistóricos de superficie del término de Madrid* — Sep. da «Rev. de la Bibl. Archivo y Museo del A. de Madrid», t. XVII, págs. 77-78, com 7 figs. Madrid, 1928.

Junto do *Paseo de las Yeserías* recolheu o A. um «coup-de-poing» acheulense incompleto, e próximo um instrumento de tipo mustierense.

Num campo de *Portazgo*, numa zona onde já Perez de Barradas tinha efectuado achados post-paleolíticos, explorou o dr. S.-Olalla nove fundos de cabana eneolíticos, que forneceram cerâmica lisa e incisa, um triturador, sílex atípicos e uma interessante serra de sílex, que devia pertencer a uma fouce, juntamente com restos ósseos de veado, javali e dum bovídeo.

R. S. P.

HUGO OBERMAIER e HENRI BREUIL — *Las pinturas rupestres de los alrededores de Tormón (Teruel)* — Extr. do «Bol. de la R. Acad. de la Historia», t. XC, págs. 511-531; sep. de 27 págs., com uma fig. e 16 ests. Madrid, 1927.

Acêrca do artigo de *Los Toros*, descoberto pelo P. Prudencio Garcia perto de Tormón (Teruel), publicou o prof. Obermaier em *Investigación y Progreso* (ano I, n.º I, abril de 1927) uma notícia resumida do estudo realizado em colaboração com o prof. Breuil, o qual nas proximidades descobriu mais dois abrigos com pinturas.

O abrigo de *Los Toros* deve o seu nome popular aos bóvidos pintados num grande friso de 9 metros de comprimento, que se encontra na base corroída dum grande maciço calcáreo. As figuras são de estilo naturalista, pertencendo à zona artística do levante da península, dividindo-as os AA. em seis grupos, que estudam detidamente. Entre as 33 figuras, de que nos dão ideia belas gravuras e um desenho de conjunto, distinguem-se nove bois, cinco veados, dois bisontes duvidosos, um gamo, um equídeo, etc., e dez figuras humanas, algumas das quais esquematizadas. As cores empregadas foram o vermelho claro e escuro, o preto e o branco; podendo-se pela técnica separar nove séries de pinturas.

Nos abrigos de *La Cerrada del Tío José* e de *La Ceja de Piezarrodilla* havia bóvidos pintados do tipo dos de *Los Toros*.

Com o seu apreciado método os profs. Obermaier e Breuil marcam neste trabalho um avanço notável ao estudo comparado das pinturas rupestres peninsulares.

R. S. P.

FERMIN BOUZA BREY TRILLO — *Una estación de arte rupestre en las márgenes de la Ría de Arousa* — Sep. das «Actas y Memorias da Soc. Esp. de Ant., Etn. y Prehistoria», t. VII, 28 págs. e 22 figs. Madrid, 1927.

Nas gravuras rupestres de Meadelo e Ballotes podem separar-se (pág. 20) quatro grupos: figuras humanas e de animais mais ou menos reduzidos, círculos concêntricos com cóvinhas e figurações de ídolos (em Meadelo), que o A. compara com os ídolos-placas.

As insculturas de animais, na maioria cervídeos, manifestam na simplicidade das suas linhas um certo naturalismo que as prende ao grupo mais moderno considerado por Obermaier (Ipek, 1925). As figuras humanas, em pequeno número, teem feição mais primitiva, enquanto que as representações idólicas e problemáticas sinais alfabetiformes (fig. 20) nos transportam a época mais recente.

Com grande cuidado relata o A. as tradições ligadas à «Pedra do Encanto», de Meadelo, e as interpretações populares das suas insculturas, comparando-as com outras de Portugal e Espanha.

R. S. P.

ALBERTO DEL CASTILLO YURRITA — *La cultura del vaso campaniforme (Su origen y extensión en Europa)* — Barcelona, 1928.

Com êste título acaba de publicar o ilustre catedrático barcelonense, D. Alberto del Castillo Yurrita, a melhor obra de conjunto que até à data existe sobre a cultura do vaso campaniforme.

Opulenta de documentação, como é, e escrita com clareza e elegância, pouco vulgares em áridas obras científicas, por tudo se recomenda e há-de servir sempre, creio bem, de elemento de consulta a todo aquele que pretenda ocupar-se em especial do

assunto que ela versa e mesmo, duma forma geral, do período eneolítico peninsular e suas culturas próprias.

A-pesar-de isto seja-me lícito, porém, confessar que acho pouco lógicas algumas das conclusões a que o seu autor pretende chegar e também não concordo com um ou outro modo de ver sobre detalhes secundários que com a tese geral se prendem.

Assim o autor admite que «a cultura do vaso campaniforme não pode reduzir-se unicamente a objectos cerâmicos, mas que nela se integra também, completando-a, uma série de objectos que constituem a sua verdadeira unidade, o seu corpo e que por tal motivo não podem ficar excluídos naquela denominação».

São deste número, entre outros, os ídolos-placas, as setas de sílex de base côncava e as armas de cobre, pelo menos os punhais e lanças de espigão desenvolvido.

Admite mais que a citada cultura surge com o aparecimento do cobre, de forma que a expansão daquela implica a difusão deste.

E por último declara que a característica desta cultura é dum modo geral funerária.

Se assim é, não me parece demasiado justificada a hipótese de tal cultura ser originária de Andaluzia, tendo os seus precedentes no subcírculo de cultura das grutas, quando nesta região, excepção feita da cerâmica, o próprio autor afirma que «os objectos novos que, unindo-se ao vaso campaniforme e suas espécies, formam a cultura chamada do vaso campaniforme, tem, uma grande parte pelo menos, origem megalítica portuguesa» e chega até a confessar que «a cultura do vaso deve (ali) a sua formação, quanto aos elementos que não são cerâmica decorada, às relações com o vizinho círculo de cultura dos megalitos portugueses, do qual geográficamente não está separada e que contém as minas de cobre» que não há no vale do Guadalquivir.

Porque razão, então, se não há-de considerar a cultura do vaso campaniforme originariamente portuguesa se, admitidos que sejam os nove grupos em que o autor divide esta cultura na Península, de todos o mais importante pela densidade das estações que nêle se encontram e pela «insólita riqueza» do material que nos fornece, onde não falta elemento nenhum típico, é sem dúvida alguma o português?

E se «há coisas em Andaluzia que não podem explicar-se sem a base duma influência directa do círculo megalítico português» porque não atribuímos a tal círculo a ascendência desta cultura?

Para mim é ponto assente que foi nesta faixa ocidental da Ibéria, centro incontestável da cultura megalítica, que teve origem

a cultura do vaso campaniforme e depois daqui se difundiu, por mar e por terra, pelos povos com quem mantinham relações os Portugueses de então.

E, sendo assim, tudo se explica e relaciona, tendo a apoiá-lo factos de indiscutível valor. Mas estes diferentes pontos de vista sobre hipóteses mais ou menos fundamentadas, de forma alguma empanam a obra de D. Alberto Del Castillo o valor real que ela tem.

JOSÉ DE PINHO.

J. HAMAL-NANDRIN e J. SERVAIS — *Similitude existant entre l'industrie des stations néolithiques, à sílex, de Fouron-Saint-Pierre, de Fouron-Saint-Martin et de Remersdael (Province de Liège) et celle à grès des Forêts de Fontainebleau et de Montmorency (Départements de Seine-et-Marne et de Seine-et-Oise)* — Sep. da «Revue Anthropologique», 38<sup>e</sup> année. Nos. 1-3, 8 pags. Paris, 1928.

Como indica o título desta notícia, os seus autores propõem-se evidenciar a semelhança morfológica existente entre instrumentos em *sílex* dos arredores de Liège, ditos «campignenses», com instrumentos em *grès* das florestas de Fontainebleau e de Montmorency, cuja cronologia não está perfeitamente determinada (campignense ou neolítico inicial).

As estações belgas, apesar-da sua proximidade de estações neolíticas e omalenses típicas, apresentam uma indústria rudimentar e muito diferenciada; por outro lado os picos, tranchets, furadores, etc. em sílex, nelas recolhidos, teem réplicas (figs. 1-3) em grés nas estações francesas citadas.

R. S. P.

J. HAMAL-NANDRIN e J. SERVAIS — *Quelques poignards ou pointes de lances en sílex trouvés en Belgique et conservés dans les collections liégeoises* — Sep. de «L'Homme Préhistorique», n.º 1, 10 pags. e 14 figs. Le Mans, 1928.

A distinção entre punhais e pontas de lança em sílex é difícil, contribuindo os AA. para o estudo dos tipos menos vulgares na

Bélgica com a descrição de 22 exemplares, metade dos quais em sílex de Grand-Pressigny. Os restantes são lascados ou polidos parcialmente quer numa quer nas duas faces, sendo raríssimos os exemplares polidos.

Uma boa resenha bibliográfica completa êste trabalho.

R. S. P.

CLEMENTE SÁENZ e BLAS TARACENA AGUIRRE—*Exploración arqueológica de la Cueva del Asno (Soria)*—Sep. de «Coleccionismo», n.ºs 136-138, 8 págs. e 5 figs.

A *Cueva del Asno*, conhecida há muito pelas suas belezas naturais, abre-se no calcáreo cretácico dos arredores de Sória.

Sondagens efectuadas pela Comissão de Monumentos de Sória em onze pontos da gruta, tornaram conhecida grande quantidade de fragmentos cerâmicos e alguns restos ósseos de tipo primitivo. Estes objectos encontraram-se à superfície ou a pequena profundidade, e por isso não admira o achado com êles de fragmentos de cerâmica ibérica e romana.

Os ornatos da cerâmica são formados na maioria por saliências mamilares e cordões em relêvo. Pela falta dos ornatos puntiformes e pela escassez de ornatos incisos em zigue-zague, característicos das estações do eneolítico pleno sorianas, a indústria da *Cueva del Asno* deve pertencer ao eneolítico inicial.

R. S. P.

FLORENTINO L. CUEVILLAS e FERMÍN BOUZA BREY—*Prehistoria e folklore da Barbanza*—Pub. do «Sem. de Estudos Galegos», 43 págs., 35 figs. e 1 mapa. Vós, Cruña, 1927.

Estudos como êste revestem grande interêsse para a arqueologia portuguesa, pela identidade que nos aparenta à Galiza.

Apoiam-na os paralelos encontrados na cuidada classificação e estudo das tradições de mouras, de animais e de tesouros encontrados, ligados aos monumentos prehistóricos barbanceiros pela imaginação popular.

São numerosos os dolmens, mamôas e castros dispersos pela península de *Barbanza*, entre as rias de Noya e Arosa, estudados conjuntamente com as suas lendas neste trabalho.

De entre os dolmens destacam-se a «casota» de *Paramo* com uma curiosa inscultura antropomorfa, um esteio dum dolmen de *Noceda* com inscrições alfabetiformes infelizmente destruídas, e a «cova da moura» de *Argalo* pelas suas dimensões.

As mamôas de *Cures*, constituindo o grupo mais importante, com as de *Moldes*, *Camboño*, etc., apresentam grandes afinidades com as minhotas de *Paredes de Coura* e *Ancora* (M. Sarmiento). Como particularidade interessante, no esteio da mamôa de *Outeiro Redondo* aparece um orifício semi-circular.

De três machados polidos conservados em Torre de Goians, dois são de fibrolite e um de serpentina. Dêstes machados apenas conhecemos uns oito exemplares no norte de Portugal, conquanto abundem no sul.

R. S. P.

VERGÍLIO CORREIA—*Escavações realizadas na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal em 1926 e 1927*—Sep. de «O Instituto», vol. LXXV, n.º 2. Coimbra, 1928.

Em trabalhos anteriores, a que já foi feita referência nesta revista (Mendes Corrêa, *Explorações arqueológicas em Alcácer do Sal*, III, pág. 56), o dr. Vergílio Correia deu a conhecer o espólio das sepulturas, alguns fechos de cinturão e um escaravelho egípcio, da necrópole pre-romana do *Olival do Senhor dos Mártires*, em *Alcácer do Sal*.

Nesta comunicação ao Congresso de Cádiz (1927), descreve o A. os tipos de sepultura de cremação descaminados na necrópole (secs. V-III a. J. C.), ao cabo de dois anos de meticolosas e notáveis explorações. Os espólios são assaz homogêneos, nos quatro grupos seguintes (pág. 8):

«1.º—Urna ou vaso-ossuário contendo restos de cinzas e ossos queimados, deposta a pouca fundura sôbre as armas, jóias e outros objectos pertencentes ao defunto, recolhidos após a cremação e colocados em volta do ossuário juntamente com vasos pequenos servindo de unguentários, etc.;

2.º—Vaso-ossuário contendo restos de cinzas e ossos queimados, deposto isoladamente sôbre a rocha do fundo do terreno, ou em cavidade especialmente aberta nesse fundo;

3.º—Depósito funerário composto dos restos da lenha da cremação, resíduos de ossos e cinzas, vasilhas pequenas, armas e

jóias tendo sofrido a acção do fogo, tudo deixado sem resguardo lateral no próprio terreno da combustão do corpo;

4.º — Depósito fnerário composto de ossos carbonizados, carvões e cinzas, dentro do qual jazem vasilhas pequenas, armas, jóias e outros objectos (que todos sofreram a acção do fogo), resguardado superiormente por uma camada de pedras aglutinadas, e inferior e lateralmente por um verdadeiro sarcófago, caixa ou caixão cavado na rocha do fundo».

Não está ainda em certos casos completamente esclarecido se os enterramentos seriam individuais ou colectivos.

O prof. Mendes Corrêa, do estudo de minguados fragmentos ósseos poupados pelo fogo, foi levado a crêr que em algumas sepulturas se encontram restos de indivíduos diferentes.

É muito interessante o facto, contado pelo dr. V. C. ao A. desta análise, de ter aparecido sôbre uma sepultura o crânio e outros restos esqueléticos dum indivíduo que não fôra incinerado. Por êste motivo considerou-o um escravo imolado em obediência a um rito funerário. Ora o estudo antropológico dêstes restos parece confirmar esta opinião, pois, segundo o prof. M. Corrêa, os seus caracteres divergem dos predominantemente reconhecidos até agora na antiga população do território.

Monografias como esta, demonstrando a importância da necrópole — única no género em Portugal — fazem-nos esperar com subido interêsse a sua publicação integral.

R. S. P.

SOCIEDAD PRO-MONTE SANTA TECLA — Su fundación, su labor patriótico y cultural y los fines que persigue, 22 págs. La Guardia, 1928.

Data de 1912 a fundação da Sociedade Pro-Monte, tendo desde então promovido incansavelmente o desenvolvimento do *Monte de Santa Tecla*, na foz do Minho em frente a Portugal. São sobretudo notáveis as explorações realizadas na vasta acrópole, às quais já fizemos referência (*Trabalhos*, III, 359).

Neste folheto resume-se a obra da Sociedade, esclarecendo-a várias gravuras, terminando por chamar as atenções superiores que dela teem andado arredias.

R. S. P.

DR. E. FRHR V. EICKSTEDT — *Zur Technik und Bedeutung der Rumpflängenmessung* — Extr. do «*Anthropologischer Anzeiger*», Jahrg. IV, Heft 1, 1927.

Na Antropometria torna-se muitas vezes difícil a observação de certas medidas. Entre estas encontram-se as que teem como referência o symphision, absolutamente necessário para o estudo das proporções do corpo e fundamental para a determinação das dimensões do tronco.

O autor estudou em diferentes raças humanas a relação entre o symphision e o iliospinal, permitindo-nos só com a altura dum dêstes pontos determinar o comprimento da perna e do tronco.

Para isso basta-nos tirar à altura do symphision 7<sup>cm</sup> no primeiro caso e 4<sup>cm</sup> no segundo, conforme mostram as diferentes tabelas de seriações que o autor nos apresenta no final do seu trabalho.

Esta substituição, como se vê, vem facilitar imenso a determinação das proporções do corpo, principalmente no sexo feminino dos povos civilizados.

A. ATAIDE.

TANEMOTO-FURUHATA — *The difference of the index of finger prints according to race* — Repr. from «*The Japon Medical World*», vol. VII, n.º 6, 1927.

O ilustre professor de Medicina Legal do Medical College de Kanazawa (Japão), sr. Tanemoto-Furuhata, autor de investigações importantes sôbre os grupos sanguíneos, às quais já aludimos nesta revista, ocupa-se, no presente estudo, da proporção, nas várias raças, dos diferentes tipos de impressões digitais, utilizando para isso séries numerosas de criminosos e normais, sobretudo dos países do Extremo-Oriente.

As percentagens dos arcos e deltas aumentam de leste para oeste, e dos braquicéfalos para os doliocéfalos, ao passo que as dos turbilhões diminuem. Estes factos são evidenciados pelo índice dactiloscópico, obtido multiplicando por 100 o quociente da percentagem dos turbilhões pela percentagem dos deltas (internos e externos). Êsse índice é superior a 100 nos Chineses, inferior nos outros grupos. Nos Japoneses, Coreanos e Sumatranos é ainda elevado, mas desce nos Italianos, nos Indianos e sobretudo nos



Ainos e nos povos da Europa central e septentrional (Alemães, Noruegueses, Ingleses e Polacos).

O autor faz uma classificação provisória na qual estes últimos povos aparecem englobados no tipo *européu ocidental* (com índice inferior a 50). Parece-nos que esta designação não será bem cabida. Os Italianos constituiriam outro tipo, com o índice entre 70 e 60. Mas, como faz notar o autor, trata-se duma classificação provisória e seriam para desejar novas investigações. Interessar-nos-hia, por exemplo, saber se os habitantes da Europa ocidental (Portugueses, Espanhóis, Franceses) se avizinham mais do tipo italiano, como seria de supor, ou do tipo imprópriamente chamado europeu ocidental.

M. C.

OTTO AICHEL — *Über Inzucht beim Menschen* — Extr. de «*Reichs-Gesundheitsblatt*», 1926, n.ºs 40 e 41.

Trata o autor, neste seu trabalho, do problema dos casamentos consanguíneos. Depois de expor as opiniões doutros autores, examina algumas genealogias como a dos Ptolomeus (Lágidas), e conclui que só a aplicação da lei de Mendel permitirá uma visão clara neste problema tão complexo. E, no caso do médico ser chamado a dar a sua opinião sobre casamentos entre indivíduos aparentados, aconselha a que analise a sua ascendência e reprove a união caso os noivos sejam heterogametos. Mas se numa tal análise não se encontrar a suspeita da existência de um carácter recessivo desfavorável, será menos perigoso um casamento consanguíneo, do que com um estranho, de ascendência desconhecida.

A. A.

ADÉLIA SEIRÓS DA CUNHA — *Grupos hemáticos nos Portugueses* — Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina do Pôrto. 110 págs. Pôrto, 1926.

Primeiro trabalho de hematologia étnica portuguesa, a tese em questão comporta diferentes capítulos, que enumeramos a seguir: Breve notícia histórica — Considerações gerais — Método empregado — Raças bioquímicas — Distribuição geográfica dos grupos sanguíneos — Reacções hemáticas nos portugueses — Conclusões.

A autora faz nos primeiros capítulos uma, por assim dizer, iniciação hematológica, passando em revista o que se tem escrito sobre tão curioso assunto onde, para explicação de alguns dos seus fenómenos fundamentais, a imaginação toma asas, procurando assim dar ao nosso espírito uma satisfação, embora minguada.

Baseia-se este trabalho sobre 459 observações feitas em sangue de outros tantos soldados, recrutados do regimento de infantaria 6, pertencentes na sua maioria ao distrito do Pôrto.

A técnica seguida é nas suas linhas gerais a de Beth-Vincent, à parte ligeiras modificações impostas pelas condições de observação.

Distribuindo as 459 observações pelos grupos sanguíneos de Hirschfeld, obteve a A. o quadro seguinte:

Grupos	N.º de casos	Porcentagem
A	241	52,5 %
O	176	38,4 %
B	28	6,1 %
AB	14	3 %

Para o índice bioquímico de Hirschfeld obtém 6,07, o que dá para os Portugueses o valor mais alto da escala europeia. Determina os valores de  $p$ ,  $q$  e  $r$ , dos grupos estabelecidos por Snyder, obtendo  $p=33,3$ , o mais elevado obtido na Europa, apenas igualado pelo encontrado em Italianos por Cavalieri (1922) e Mino (1924). Diz a autora: «Esta percentagem se tivesse para a classificação étnica um significado importante, seria mais um traço de união entre os Portugueses e os Italianos, ambos pertencentes ao grupo mediterrâneo».

Compara depois os grupos sanguíneos com os caracteres morfológicos, estatura, pigmentação e índice cefálico. Não encontra diferenças sensíveis entre as estaturas dos diferentes grupos. Quanto à pigmentação verificou que o grupo A parece mais ligeiramente pigmentado do que o grupo B, mas quanto a AB não há concordância entre as tendências cromáticas dos olhos e dos cabelos. No que respeita ao índice cefálico, encontrou uma diferença entre as médias de 1,8, sem valor estatístico, e que indicaria uma tendência braquicéfala no segundo grupo relativamente ao primeiro.

Entre outras, são das conclusões finais as afirmações que se seguem:

«Sob o ponto de vista antropológico, as classificações já feitas, tendo por base o índice bioquímico, as percentagens dos grupos e conseqüentemente os valores de A e B ou de  $p$ ,  $q$  e  $r$ , não pas-

sam de ousadias de espírito, que não dispensam uma confirmação. Mostrando a nossa ignorância sobre a intimidade da iso-aglutinação, e acentuando que as explicações propostas para o fenómeno são em grande parte meramente verbais, não passando os cálculos de Snyder de puros artificios matemáticos, o sr. prof. Mendes Corrêa conclui que deve haver escrúpulos e reservas na aplicação da serologia, quer na genética, quer na etnologia.

Ao examinar os indivíduos, partimos já da hipótese errônea de que a pureza original da sua raça é um facto; as conclusões daí a tirar não poderão, portanto, escapar à influência desse erro.

As ideias do monogenismo ou do poligenismo, sugeridas pelas reacções serológicas, são para nós simples concepções hipotéticas. Não me parece que a teoria de Hirschfeld, considerando a humanidade proveniente de dois troncos distintos — A e B —, ofereça maior interesse antropológico do que as hipóteses de Verhoef e Snyder, o primeiro apresentando três origens diversas A, B e O, e o segundo vendo em A e B meras mutações independentes dum primitivo grupo — O —.

Além disso, as conclusões antropológicas baseadas em trabalhos laboratoriais, efectuados em regiões tão distantes e por observadores tão diversos, não são de molde a resistir a uma crítica serena, pois não é difícil acreditar na variabilidade das propriedades aglutinantes dos soros padrões empregados. Em virtude destas imprecisões de ideias e de resultados laboratoriais, julgamos poder afirmar que a classificação fundada no índice bioquímico de raça se encontra ainda na sua infância.

O nosso estudo feito sobre os Portugueses conduziu-nos a resultados empíricos, que em geral estão de acôrdo com as sínteses bioquímicas de Hirschfeld e Snyder.

Os Portugueses mostram uma alta percentagem do grupo A ou do factor  $p$  e, pelo contrário, uma percentagem muito reduzida do grupo B ou do factor  $q$ . Estão no limite mais acentuado das séries europeias occidentais.

Julgamos que os nossos resultados veem alterar profundamente a carta, em grande parte hipotética, de Steffan, sobre o assunto; pois, nesta carta, Portugal aparece teóricamente intercalado entre as linhas correspondentes a índices bioquímicos (1,8 a 2,7), muito inferiores àquele que determinei (6,1).

Comparando com elementos morfológicos os resultados bioquímicos, não encontramos na nossa série um paralelismo, que claramente indique a existência duma correlação qualquer entre uns e outros.

Se não é possível ainda tirar conclusões etnológicas gerais sobre o exame serológico, nem por isso as observações que rea-

lizámos, deixam de constituir um modesto subsídio para uma futura sistematização, mais segura do que a até agora feita, dos numerosos materiais já recolhidos.

SANTOS JÚNIOR.

V. SUK — *On the occurrence of syphilis and tuberculosis amongst Eskimos and mixed breeds of the north coast of Labrador (A contribution to the question of the extermination of aboriginal races)* — «Publicat. de la Fac. des Sciences de l'Université Masaryk», Brűnn, 1927.

Todas as contribuições para o estudo das imunidades ou predisposições especiais de várias raças para certas doenças, e todos os elementos para o conhecimento da marcha e difusão de determinadas manifestações mórbidas em algumas populações, são do maior interesse antropológico, sobretudo no que respeita particularmente às raças em via de eliminação sob o influxo de certos agentes patogéneos.

No presente trabalho, o prof. Suk refere as suas observações médicas sobre os habitantes da costa setentrional do Labrador durante alguns meses do ano de 1926. Estudou especialmente a difusão e as manifestações da sífilis e da tuberculose, comparando os seus resultados com os de outros investigadores na mesma região. A sífilis tem-se propagado intensamente nas populações estudadas e tem nelas uma evolução que não difere essencialmente da dos outros povos. A tuberculose apresenta uma marcha galopante, o que deve explicar-se por uma resistência insuficiente. Tanto esta doença como a sífilis progridem ali, embora aquela mais acentuadamente nas populações misturadas do que nos Esquimós puros.

É muito interessante a resenha, dada pelo autor, de causas de extinção de populações primitivas: pelas armas (Guanches, Tasmanianos, Índios da América, etc.); por mudança brusca do meio; por doenças; pela destruição de recursos naturais necessários para o modo de vida original; pela mestiçagem.

O autor conclui indicando os meios (serviços de sanidade, etc.), para salvar os Esquimós dos perigos que ameaçam destruí-los.

M. C.

HIPÓLITO RAPOSO — *O Berço* — Lisboa, 1928.

O drama em 3 actos que, sob o título de *O Berço*, o ilustre escritor nacionalista, sr. dr. Hipólito Raposo, acaba de publicar, merece especial registo nas páginas desta revista pelo alto interesse etnográfico que possui, a par do seu notável mérito literário. O sr. dr. Hipólito Raposo propoz-se evocar na scena aspectos da vida e da psicologia dos serranos beirões, emoldurados em quadros panorâmicos de enternecedor carácter regional. Num prefácio admiravelmente escrito como o drama, o talentoso homem de letras expõe a sua intenção, historiando com perfeito senso crítico a evolução do teatro em Portugal e citando, em apoio do seu objectivo, o parecer de Ch. Brun sobre o subido interesse do regionalismo nos palcos teatraes.

A existência simples e humilde dos serranos, o seu lar, o seu amor de família, a sua fé, a sua resignação, as suas concepções da virtude, as suas superstições, bruxas, mendigos, pastores, rumores de arraial, amores campesinos, tudo aparece desenhado no *Berço* com naturalidade e brilho numa sucessão de scenas que fecha com um episódio vivamente dramático do assassinato duma bruxa, crime de superstição fatalista e vingadora, que encerra uma psicologia difficilmente acessível a muitos.

M. C.

XOSÉ FILGUEIRA VALVERDE — *A festa dos Maios (Papeletas de folklore galego)* — Separata dos «Arquivos do Seminario de Estudos Galegos», Corunha, 1927.

O devotado secretário da meritória instituição de cultura regionalista que é o Seminario de Estudos Galegos, publica no primeiro volume dos Arquivos dessa instituição um valioso estudo folk-lórico sobre a festa dos Maios na Galiza, fazendo acompanhar a sua explanação de numerosos elementos comparativos e de larga bibliografia, incluindo vários trabalhos portugueses.

Variam bastante as práticas e fórmulas que o povo adopta para, naquela fase do ano, afugentar o inverno e promover a vinda do verão e boas colheitas. Esconjuros, cantigas, desfiles processionais, etc., são utilizados nesse intuito. O A. menciona alguns quadros alusivos de artistas conhecidos e espraia-se num erudito estudo de concordâncias com outros países, entre os quais

Portugal. Entre nós, o enfeite das portas e janelas com *maias* é interpretado por alguns como destinado a evitar a entrada, nas casas, do *Maio*, que, ao contrário do que sucede com o primitivo espírito dessas cerimónias, se identificaria assim com o demónio ou outra entidade malfazeja. Não deve ser este o significado predominante mas uma adulteração do sentido primitivo.

Apaixonado pelos estudos folk-lóricos e de arte românica, o joven investigador sr. Filgueira Valverde pertence a um excelente núcleo de estudiosos galegos, cheios de entusiasmo pela Pátria galaica e de simpatia por Portugal, a que tantas afinidades profundas e remotas prendem a Galiza irmã. O estudo que temos presente e que foi justamente premiado na festa da língua galega de 1924, é uma prova do valor do seu esforço e das suas nobres faculdades.

M. C.

*La prison centrale de Louvain* — Extr. de «L'Ecrou». Bruxelles, 1927.

Temos presente um relatório sobre a prisão central de Louvain, que atesta a importância e a excelente organização deste modelar estabelecimento penal, cuja direcção é desempenhada com a mais distinta proficiência por M. Ernest Bertrand.

Testemunhos encomiásticos, dos mais reputados especialistas dos vários países, sucedem a uma breve história do estabelecimento, que é em seguida descrito minuciosamente, quer pelo que diz respeito à sua instalação, quer pelo que se refere ao seu funcionamento.

O regimen penitenciário ali pôsto em prática é detalhadamente explanado. Dezasseis indústrias diferentes ali funcionam. Há exames médicos e antropológicos frequentes, visitas do director, de capelães e de professores (que registam as suas observações em *fichas de visita*), culto facultativo, ensino primário em francês e flamengo, um jornal dos detidos, uma biblioteca circulante, uma banda de música, uma *Schola gregoriana*, uma comissão de patronato, etc.

A actividade física e intelectual desenvolvida pelos presos, graças às medidas postas em prática para atenuar o seu isolamento, tornou pouco frequentes os casos de depressão. Em dez anos, numa população de meio milhar de presos, contaram-se cinco suicídios. A experiência mostra que nas condições indicadas

a prisão celular «embora conservando um acentuado carácter afluente, pode ser suportada sem prejuízo quasi indefinidamente».

No ano de 1926 apenas dois tuberculosos ou pretuberculosos foram transferidos para o sanatório penitenciário de Merxplas.

A duração de internamento celular do detido mais antigo em 1926, era de 32 anos. A média das visitas para cada preso no locutório, no mesmo ano, foi de 3, mas o número de cartas recebidas e escritas por cada preso foi em média de 25.

Ao director desta prisão modelar, sr. Ernest Bertrand, autor de artigos valiosos em «L'Écrou» sobre questões de penalogia e de regimen penitenciário, cabem os melhores louvores pelo papel que tem desempenhado, na superintendência do importante estabelecimento penal.

M. C.